

# EDUCAÇÃO, AMBIENTE E INTERCULTURALIDADES DO NOSSO VIVER AMAZÔNICO: VIVÊNCIA PELO BEM VIVER!

Marta Giane Machado Torres<sup>1</sup>

Antônio Luís Parlandin dos Santos<sup>2</sup>

**Resumo:** Este estudo situa-se na intersecção entre sociedade, ambiente e educação, destacando as práticas e referenciais que orientaram o processo de espraiamento da educação ambiental na Amazônia, e explicita as contradições do processo de ensino e aprendizagem que ocorre na educação referente ao meio ambiente. Parte das reflexões realizadas nas aulas da disciplina “Bem-Viver e interculturalidade: interfaces entre universidade e comunidades”. Objetiva refletir sobre a intersecção entre meio ambiente (amazônico) e os projetos de educação ambiental e sociais presentes na atualidade no Brasil, destacando o Bem Viver. É uma pesquisa de caráter bibliográfico que descreve os momentos construídos na disciplina. As amarras psicológicas, socioculturais, políticas e institucionais que engessam os modos de vida da população brasileira nos padrões europeus como referência, atravessam o campo educacional num ciclo recursivo, entre sociedade e escola, em que os professores e professoras – e demais sujeitos da comunidade escolar – podem ser reprodutores de relações sociais marcadas pelo racismo. Nesse sentido, o estudo evidenciou que se trata de um processo dinâmico e contínuo de rupturas e radicalização das lutas no interior da escola. Ao pensar num movimento de descolonização de mentes e corpos, de saberes e modos de vida torna-se imprescindível rever a história e recontá-la sob outra perspectiva que não a do colonizador. Isso significa construir outras narrativas que possibilitem o refazimento de determinada cosmovisão e leve a um movimento de práticas sociais em que negros e indígenas, por exemplo, protagonizem a dinâmica da sociedade brasileira.

**Palavras-chave:** Bem Viver; interculturalidade; ambiente; educação.

## EDUCATION, ENVIRONMENT AND INTERCULTURALITY OF OUR AMAZONIAN LIVING - LIVING FOR WELL LIVING!

**Abstrat:** This study is at the intersection of society, environment and education, highlighting the practices and benchmarks that guided the process of spreading environmental education in the Amazon and spells out the contradictions of the teaching and learning process that occurs in

---

<sup>1</sup> Enfermeira feminista ativista da Saúde. Servidora pública estadual. Graduada em Enfermagem pela Universidade Federal do Pará (UEPA) (1991). Especialista em Atenção Básica da Saúde/UEPA. Mestra em Saúde Coletiva (Saúde, ambiente e sociedade na Amazônia – UFPA). Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA/UFPA ano 2021-2024). Enfermeira assistente - Unidade de referência em doenças infecto-parasitárias especiais/SESPA/SUS. Enfermeira plantonista pelo I Centro Regional de Saúde. Tem experiência na área de Enfermagem, com ênfase em Enfermagem em Saúde Pública/Saúde Coletiva, atuando principalmente nos seguintes temas: docência, gênero, saúde integral da mulher, saúde mental, Urgência/Emergência, gestão dos serviços em saúde, defesa socioambiental, autonomia sexual, preservativo feminino, direitos humanos, direitos sexuais, direitos reprodutivos. Integrante do Fórum de Mulheres da Amazônia Paraense e do Movimento pela Saúde dos Povos.

<sup>2</sup> Educador popular. Professor do Magistério Superior da UFPA. Doutor em Educação (UFPA). Mestre em Educação (UEPA/PUC-Rio). Graduação em Licenciatura em Pedagogia, Enfermagem e Ciências Sociais; Especialista em Docência do Ensino Superior, Metodologia da Pesquisa Científica, Relações Étnico-Raciais para o Ensino Fundamental. Doutorando em Sociologia e Antropologia (PPGSA/UFPA).

environmental education. We start from the reflections held in the classes of the discipline “Well Living and interculturality: interfaces between university and communities”. It aims to reflect on the intersection between the environment (Amazon) and the environmental and societal education projects present in Brazil, highlighting the Well living. We conducted a bibliographic research and described the moments built in the discipline. The psychological, socio-cultural, political and institutional ties that engulf our ways of life in European standards as a reference, cross the educational field in a recursive cycle, between society and school, in which teachers and teachers - and other subjects of the school community - can reproduce social relations marked by racism. In this sense, it became evident that this is a dynamic and continuous process of ruptures and radicalization of the struggles within the school. When thinking of a movement of decolonization of our minds and bodies, of knowledge and ways of life, it is essential to review the history and recount it from another perspective than that of the colonizer. This means building other narratives that enable us to re-create our worldview and lead us to a movement of social practices in which blacks and indigenous people, for example, play a role in the dynamics of our Society.

**Keywords:** Bem Viver; interculturality; environment; education.

## **EDUCACIÓN, AMBIENTE E INTERCULTURALIDADES DE NUESTRO VIVIR AMAZÓNICO - ¡VIVENCIA POR EL BUEN VIVIR!**

**Resumen:** Este estudio se sitúa en la intersección entre sociedad, ambiente y educación, destacando las prácticas y referencias que orientaron el proceso de esparcimiento educación ambiental en la Amazonia y explicita las contradicciones del proceso de enseñanza y aprendizaje que ocurre en la educación referente al medio ambiente. Partimos de las reflexiones realizadas en las clases de la disciplina “Buen Vivir e interculturalidad: interfaces entre universidad y comunidades”. Su objetivo es reflexionar sobre la intersección entre medio ambiente (amazónico) y los proyectos de educación ambiental y social presentes en la actualidad en Brasil, destacando el Buen Vivir. Realizamos una investigación de carácter bibliográfico y describimos los momentos construidos en la disciplina. Las amarras psicológicas, socioculturales, políticas e institucionales que engrosan nuestros modos de vida en los patrones europeos como referencia, atraviesan el campo educativo en un ciclo recursivo, entre sociedad y escuela, donde los profesores y profesoras - y demás sujetos de la comunidad escolar - pueden ser reproductores de relaciones sociales marcadas por el racismo. En ese sentido, quedó claro que se trata de un proceso dinámico y continuo de rupturas y radicalización de las luchas en el interior de la escuela. Al pensar en un movimiento de descolonización de nuestras mentes y cuerpos, de saberes y modos de vida, es imprescindible que revisemos la historia y la re-contamos bajo otra perspectiva que la del colonizador. Eso significa construir otras narrativas que nos permitan rehacer nuestra cosmovisión y nos lleve a un movimiento de prácticas sociales en que negros e indígenas, por ejemplo, protagonizan la dinámica de nuestra sociedad.

**Palabras claves:** Buen Vivir; interculturalidad; ambiente; educación.

## **INTRODUÇÃO**

Para começar, tem o 20 de novembro, o Dia Nacional da Consciência Negra, em homenagem a um dos maiores heróis brasileiros: o negro Zumbi dos Palmares, assassinado nesse mesmo dia, no ano de 1695, pelos representantes do escravismo. Seu “crime” foi ter liderado uma luta de vida ou morte por uma sociedade justa e igualitária, onde negros, índios, brancos e mestiços viveriam do fruto de seu trabalho livre e seriam respeitados em sua dignidade humana. Essa sociedade efetivamente democrática existiu em Palmares, que foi o primeiro Estado livre das Américas e um Estado criado por negros (LÉLIA GONZALEZ, 2020).

Este estudo situa-se na intersecção entre sociedade, ambiente e educação, destacando as práticas e referenciais que orientaram o processo de espraiamento da educação ambiental na Amazônia, e explicita as contradições do processo de ensino e aprendizagem que ocorre na educação referente ao meio ambiente. Parte das reflexões realizadas nas aulas da disciplina “Bem Viver e interculturalidade: interfaces entre universidade e comunidades”.

O objetivo do presente estudo é refletir sobre a intersecção entre meio ambiente (amazônico) e os projetos de educação ambiental e sociais presentes na atualidade no Brasil, destacando o Bem Viver. Para alcançá-lo, realizamos uma pesquisa de caráter bibliográfico e descrevemos os momentos construídos na disciplina. De acordo com Gil (2009, p. 63), a pesquisa bibliográfica demanda “a reflexão crítica acerca dos assuntos estudados, de tal forma que seja possível identificar [...] abordagens teóricas relevantes para o estudo do fenômeno e, se possível, optar por uma abordagem capaz de fundamentar o trabalho”.

Na primeira parte, em “Juntas/os refletimos e ligamos: Amazônia, educação, ambiente e Bem Viver”, contextualizamos o pensamento ideológico sobre a Amazônia e estabelecemos as relações entre as categorias espaciais e valorativas que nos impulsionam a debater a educação na Amazônia. Em seguida, em “Um Aprender Intercultural”, explicitamos a ligação entre a decolonialidade e a interculturalidade que defendemos.

Na terceira parte, em “Bem Viver e a vivência de educação no contexto da Covid-19”, discutimos a conjuntura atual diante da pandemia em curso. Finalmente, na quarta parte, “Concepções de Educação Ambiental em Disputa”, debatemos sobre as concepções de educação ambiental conflitantes na sociedade brasileira, enfatizando os conflitos e interesses de grupos distintos.

Na quarta parte, em “Concepções de educação ambiental em disputa”, observamos um horizonte em que a educação ambiental pode fluir como um movimento teórico-prático de mediação, dialógico, coletivo, crítico, reflexivo, transformador, transdisciplinar, intercultural

e decolonial com a adoção de uma perspectiva complexa que reúne diversos saberes e práticas num circuito de solidariedade, alteridade e democracia.

## **JUNTAS/OS REFLETIMOS E LIGAMOS: AMAZÔNIA, EDUCAÇÃO, AMBIENTE E BEM VIVER**

Por conta do tempo pandêmico frente à ação do coronavírus tivemos aulas virtuais ministradas na forma de videoconferências e vídeo aulas, transmitidas em tempo real no compartilhar entre estudantes do mestrado e doutorado. A dinâmica de convivência permitiu interação, conversação e exposição dos projetos de estudo de cada um, e propiciou que um intercâmbio ativo individual e coletivo viabilizasse conhecer a atuação ativista de todas as expressões culturais, de coletivos e dos povos ali representados. Estudantes urbanos, quilombolas, indígenas, ribeirinhos, entre campo, águas, florestas, projetaram suas produções epistemológicas, cosmológicas evidenciando a força que brota do povo que luta, que se organiza no sentido da mobilização comunitária, envolvidos na compreensão e apreensão da vivência no âmbito da epistemologia fomentada pelo Bem Viver.

Após ingresso nas aulas, assim como os demais, o grupo foi se constituindo desde o início seguindo pela concentração e dispersão das manifestações cognitivas, sensoriais, intuitivas que culminaram em palavras geradoras: relações, saberes-solidariedade, retorno, projeto de vida e memórias, palavras estas a dimensionar aspectos intrínsecos aos projetos de dissertação e de tese. Nesse ínterim, nosso grupo, a partir de suas conexões com seus locais de vida, construiu um conceito coletivo do Bem Viver.

Bem Viver é uma travessia de saberes num rio de solidariedade, luta e resistência. É um modo de vida que engloba muitos modos de vidas e se opõe à desigualdade social e à padronização de pessoas e seus grupos de pertença. Trata-se de uma perspectiva decolonial que retoma o protagonismo dos saberes geridos na presença e na participação coletiva com a biodiversidade. Nesse ponto, o Bem Viver é a busca por ressignificar a relação conflituosa em nossa contemporaneidade e estabelecer um diálogo intercultural entre as gerações e suas culturas, propondo uma nova/tradicional alternativa de ler o mundo (SANTOS, SILVA JUNIOR, 2022, p. 45).

Junto à referida disciplina, promovemos e vivenciamos a cultura do Bem Viver e interculturalidade. Cada partícipe comungou o seu existir comunitário e epistemológico. Foi fértil a junção da trajetória existencial, do projeto de pesquisa e sua conexão com a concepção revolucionária da prática política que desconstrói as opressões estruturais. Na sequência

partilhada, como aconteceu com cada um dos agrupamentos, o nosso grupo também construiu uma única imagem e um nome: um círculo indicando movimentação sob o título de Inter-relações globais-locais. Todos os desenhos foram compartilhados em classe. A culminância do que fomos avançando e construindo coletivamente resultou na construção de nossa apresentação como atividade final. Para fechamento da disciplina ora virtualmente vivenciada, trazemos aqui um pouco do que foi debatido, cantado, entoado e declamado naquele momento de ensino e aprendizagem.

Sempre em diálogo de acertos mantido pelo aplicativo *Whatsapp*, construímos uma liturgia que chamamos de Momento Orante, no qual foram apresentados 3 atos, conforme descritos a seguir:

Ato I: Cirandar a vida - montamos murais com elementos marcantes de nossas lutas e estudos. Projetados em fotografias, cada mural foi exposto de acordo com a trajetória existencial, sendo inclusas nossas bandeiras, representações, símbolos, suportes de fé e religiosidade, instrumentos musicais, adereços, livros e uma jarra de água. Reunimos elementos significativos para cada um de nós e percebemos que nossa identidade é fortemente constituída por diversas culturas indígenas e africanas/afro-brasileiras, geralmente silenciadas em espaços formais de expressão como a escola. O término deste ato trouxe em linguagem declamativa a compreensão coletiva das relações vitais a entender que: É a partir do significado que damos a nossas vidas que se constroem **projetos de vida**, de futuro, para isso cada uma deve fazer **memória** do que é, do que come, do que bebe, do que lê e vomita. O mundo é uma volta, um eterno **retorno**, onde todas as **relações** estão implicadas a algum nível de **solidariedade** entre humanos e não-humanos: o mundo é uma volta, o mundo é uma roda. Vem pra roda você também!”

Ato II: Denunciar e combater a morte - partimos do acúmulo vivenciado pelo ativismo e lutas por justiça e dignidade no nosso ambiente amazônico. Incorporado de sentido combativo, após reflexão do conceito coletivo do Bem Viver, em formato de jogral nossas vozes entoaram questões e sentimentos em nome da liberdade e resistência: “Há 500 anos que o Sul é espoliado pelo Norte. Num mundo em que os paradigmas civilizatórios estão sendo colocados em xeque faz certo tempo. A colonização mata, o capitalismo mata, o latifúndio mata, o agronegócio mata. Perfilham ainda hoje neste continente lutas e sonhos, ainda tombam Chicos que a exemplo de Francisco vê no sol, na lua e nas criaturas, apenas irmãos e irmãs... Quando a justiça e a paz se abraçarão? Quantas vidas pelas vidas se farão necessárias para se bem-viver em Abya Yala? O que podemos afirmar é que não percamos de vista a Utopia”.

Ato III: Renovar a utopia – Quantos companheiros e companheiras tombaram na luta pela terra. Tantos mais expulsados do seu chão. Quanta fome, desmatamento, antropismo em nome do mercado. Entre canções e anseios identitários firmamos aliança entre a utopia, valores e princípios do Bem Viver em uníssono reverberamos: “Quando o dia da paz renascer, quando o sol da esperança brilhar, cercas caírem no chão, muros que cercam os jardins e destruídas as armas de cada nação será enfim, tempo novo de eterna justiça, sem mais ódio, sangue ou cobiça, vai ser assim. É utópico sim, mas como a vida de cada um caminha na direção do futuro, perseguindo a cada passo a linha do horizonte, é preciso que os valores e princípios do Bem Viver sejam algo que já se está fazendo...partilhando ou recuperando novas práticas, do feminino, da sustentabilidade, do cuidado”. Fechamos nossa apresentação crítica brindando com água, em alusão à nossa luta pelo acesso vital a este bem precioso que nos hidrata e substancia. Que mantém vivas todas as formas de vida. Água não é mercadoria. Desenvolvimento para quê e para quem. Disciplina encerrada exitosamente. Do firme e construtivo elo que se estabelece entre universidade e o povo que luta. Por mais interculturalidades do nosso viver amazônico!

**Imagem 1** – Mural saberes-solidariedade, local global afro e interreligioso



**Fonte:** Arquivo pessoal de Antônio Luís Parlandin dos Santos.

**Imagem 2 – Detalhes do mural Relações: água é vida, não é mercadoria!**



Fonte: Arquivo pessoal de Marta Giane Machado Torres.

**Imagem 3 – Detalhes do mural saberes-solidariedade: pontes.**



Fonte: Arquivo pessoal de Antônio Luís Parlandin dos Santos.

## UM APREENDER INTERCULTURAL

A mencionada vivência, também protagonizada em liturgia, aprofundou reflexões e partilha de conhecimentos sobretudo no que diz respeito à dinâmica do Bem Viver enquanto alternativa frente ao devastador investimento desenvolvimentista na vida dos povos da Amazônia. O envolvimento cada vez mais incisivo e representativo de pesquisadores educacionais da sociedade amazônica tem frutificado, tem se materializado e fluidificado no debate fomentado pelo entendimento das vivências cotidianas acerca da diversidade, da desigualdade, da etnicidade e sexualidade, de raça, de gênero, de geração e de classe social. Isso permite vislumbrar práticas educativas inclusivas, acolhedoras e dialógicas permanentes, principalmente nesse tempo de pandemia, onde intensifica-se a necessidade de reconhecer que, em um mesmo território, existem várias culturas, com movimentados intercâmbios entre indivíduos de grupos diversos. Há que se buscar nas práticas educativas o combate às relações discriminatórias, tendo como princípio o respeito à diversidade e pluralidade cultural que se manifesta na comunidade fortalecendo o campo de cuidados e saberes.

Ao pensar num movimento de descolonização de nossas mentes e corpos, de saberes e modos de vida, é imprescindível revermos a história e recontá-la sob outra perspectiva que não a do colonizador. Isso significa construir outras narrativas que nos possibilitem o refazimento de nossa cosmovisão e nos levem a um movimento de práticas sociais em que negros e indígenas, por exemplo, protagonizem a dinâmica de nossa sociedade.

Quando nos reportamos ao pensamento decolonial, estamos referenciando autores do Grupo Modernidade/Decolonialidade que analisam a contemporaneidade como tempo herdeiro das relações e mentalidades do período colonial. Quijano (2007, p. 93) afirma que o colonialismo findou com a quebra da dependência formal/jurídica entre colônia e metrópole, mas a colonialidade vem se perpetuando:

O controle da autoridade política, dos recursos da produção e do trabalho de uma população determinada possui uma diferente identidade e suas sedes centrais estão, além disso, em outra jurisdição territorial. [...] O colonialismo é, obviamente mais antigo; no entanto, a colonialidade provou ser nos últimos 500 anos, mais profunda e duradoura que o colonialismo. Porém, sem dúvida, foi forjada dentro deste, e mais ainda, sem ele não teria podido ser imposta à intersubjetividade de modo tão enraizado e prolongado.

Portanto, a colonialidade ultrapassou a barreira temporal e, após a independência

das colônias, manteve-se, de alguma forma, viva em nossa subjetividade, permeando nossas relações e instituições sociais e revitalizando-se continuamente até os dias de hoje. Os padrões culturais postos como referência de civilização, as comparações entre povos hierarquizando-os, a criação de raças expostas como se existissem raças biológicas, nos remetem à *colonialidade do poder, do ser, do saber* e do viver. Para Quijano (2005, p. 111):

De acordo com essa perspectiva, a modernidade e a racionalidade foram imaginadas como experiências e produtos exclusivamente europeus. Desse ponto de vista, as relações intersubjetivas e culturais entre a Europa, ou, melhor dizendo, a Europa Ocidental, e o restante do mundo, foram codificadas num jogo inteiro de novas categorias: Oriente-Occidente, primitivo-civilizado, mágico/mítico-científico, irracional-racional, tradicional-moderno. Em suma, Europa e não-Europa.

São constructos que enfatizam as dicotomias e que forjam identidades superiores, capazes de subjugar outras porque são legítimas e justificadas pela naturalização da opressão. Afinal, como alguns não-europeus não eram considerados nem mesmo seres humanos, então poderiam ser escravizados e silenciados. De acordo com Candau; Russo (2010, p. 19):

Nesse sentido, o colonizador destrói o imaginário do outro, invisibilizando-o e subalternizando-o, enquanto reafirma o próprio imaginário. Assim, a colonialidade do poder reprime os modos de produção de conhecimento, os saberes, o mundo simbólico, as imagens do colonizado e impõe novos. Opera-se, então, a naturalização do imaginário do invasor europeu, a subalternização epistêmica do outro não-europeu e a própria negação e o esquecimento de processos históricos não-europeus. [...] o eurocentrismo não é a perspectiva cognitiva somente dos europeus, mas torna-se também do conjunto daqueles educados sob sua hegemonia.

Nesse sentido, a Amazônia vem passando por processos históricos marcados pela barbárie, pela exploração das populações tradicionais que, na atualidade, são ameaçadas em todas as dimensões da vida. Perder, por exemplo, o direito de viver em suas terras, não se reduz ao plano material, pois a cosmovisão das populações indígenas e afrodescendentes nos falam de uma ligação visceral com toda a simbologia que envolve o meio ambiente. De acordo com Walsh (2009, p. 15):

Há também uma dimensão a mais da colonialidade, pouco considerada, que enlaça com as outras três [poder; ser; saber]. É a colonialidade cosmogônica ou da mãe natureza, que se relaciona à força vital-mágico-espiritual a existência das comunidades afrodescendentes e indígenas, cada uma com suas particularidades históricas. É a que

fixa na diferença binária cartesiana entre homem/natureza, categorizando como não-modernas, “primitivas” e “pagãs” as relações espirituais e sagradas que conectam os mundos de cima para baixo, com a terra e com os ancestrais como seres vivos. Assim, pretende anular as cosmovisões, filosofias, religiosidades, princípios e sistemas de vida, ou seja, a continuidade civilizatória das comunidades indígenas e da diáspora africana.

A autora se refere a outra perspectiva de mundo, de conhecimento/saber, de ser, de existência. Chama de “matriz quadrimensionada da colonialidade”, a qual revela a construção da diferença e sua imposição com base na raça, no racismo e na racialização como eixos estruturantes das relações de dominação/exploração/escravização. De acordo com Walsh (2009, p. 16):

Enquanto a dupla modernidade-colonialidade historicamente funcionou a partir de padrões de poder fundados na exclusão, negação e subordinação e controle dentro do sistema/mundo capitalista, hoje se esconde por trás de um discurso (neo)liberal multiculturalista.

Dessa forma, na Amazônia do século XXI, as narrativas são revitalizadas e parecem justificar e legitimar os processos perversos de exploração do meio ambiente e anulação da sociodiversidade, seja dos discursos seja das benesses do que é propagandeado como intenso desenvolvimento para lugares e pessoas ainda atrasadas do ponto de vista eurocêntrico.

Nesses vários dias de sala virtual, o universo interligado pelo encontro de culturas, valores, saberes e fazeres diversos, a abordagem antropológica e intercultural permitiu ampliar o olhar para além dos limites das ações mediadas pela aliança do capitalismo e conservadorismo. Incluem-se, nesta compreensão, aspectos da educação popular freireana em ambientes públicos, das experiências partilhadas, do ocorrido em espaços comunitários, terreiros e rodas de convivência onde o olhar humanizado e dialógico foi a lógica que move a educação como um processo histórico, vivo, próprio e que também, e em muito se dá, em espaços não escolares.

Desta maneira, sobre a educação intercultural, amorosa portanto inclusiva, compreendemos as exposições e falas dos grupos apresentados na disciplina em questão, entrelaçadas com a literatura que alicerçam um processo reflexivo de profunda e instigante aprendizagem:

A educação de Paulo Freire, ainda que revolucionária, historicamente tem sido alvo de investidas contrárias, oriundas de momentos específicos políticos, como no atual momento, de incertezas e contradições. Contudo, na contramão dessas perseguições,

a educação na perspectiva freireana rejeita qualquer manifestação de exclusão ou discriminação pois parte do princípio de que cada pessoa possui o direito de ser escolarizada com respeito ao seu conhecimento prévio, com conteúdo que tenha elo com suas vivências cotidianas, que considere sua cultura como ponto de partida da escolarização. Dizer a própria palavra, para Freire (2013, p. 16) significa um ato de poder; o conhecimento com posicionamento político, de representação pessoal e social, com consciência crítica, daí o entrelaçamento da educação freireana com a interculturalidade.

A luta contra as desigualdades sociais se configurou em Freire como uma insígnia, uma bandeira movida e erguida por todos os sujeitos que se rebelam contra uma obediência servil, como ele bem descreveu em um trecho sobre as marchas mencionado em sua última entrevista, em 1997. Ele chamava a atenção para o poder decisivo dos movimentos sociais na historicidade de um povo. O sujeito que não se deixa alienar e nem se dá por vencido por forças antagônicas que o oprimem nas amarras da invisibilidade, reconhece assim, o poder existente na luta das marchas, que o reintegra no processo de sua existência no mundo, como sujeito de direito à educação e à vida em sociedade (CARMO; OLIVEIRA; MAIA, 2021, p. 71).

Inúmeras leituras forjadas e socializadas em classe *online* vieram e se mantiveram ao encontro deste exercício coletivo e emancipatório:

Nos importa compreender como pensarmos uma proposta educacional que leve em consideração as multifacetadas faces da cultura e os diferentes exercícios do humano percebidos na atualidade. Posto isso, evidenciamos a importância da Educação Intercultural como modelo epistemológico, que permita desenvolver a dialogicidade entre diferentes práticas humanas encontradas em sala de aula, revendo assim o papel da educação no respeito e tolerância à diversidade na contemporaneidade (DOMINGUES, 2021, p. 152).

As interações experienciadas com cada um e cada uma a partir de suas telas foram condizentes e se aprofundaram no que diz respeito ao entendimento da dimensão humana frente ao conhecimento científico, a razão e a emoção, conjuntamente problematizado à perspectiva do outro, fortemente arraigado entre sentimentos e emoções. Essa compreensão foi dimensionada no sentido necessário de que é preciso Corazonar, aliar coração à razão. Pensar sobre si mesmo, sobre sua existência corazonando, assim como os povos indígenas do Abya Ayala. Patrício Arias (2010) foi alimento fértil ao motivar a nossa prática política que visa desconstruir as opressões estruturais, possibilitando consciências e sentidos dos processos históricos nos distintos cenários local e global.

Nossos estudos em inteira comunhão com essas premissas que transitam esperanças e lutas por materializar utopias possíveis:

É preciso considerar as dimensões espaço-temporais dos processos históricos, mas também apontar quais são as dimensões de sentido desses processos. É preciso superar a noção de resistência, geralmente atribuída às lutas sociais contra a globalização neoliberal, e vê-las na perspectiva da insurgência material e simbólica; a resistência não ataca tanto a estrutura do poder, mas uma técnica para o exercício desse poder, nem busca um poder alternativo; as lutas do presente não se contentam em buscar um espaço dentro dos marcos definidos pelo poder, mas se levantam contra eles, os subvertem; porque o que as diversidades insurgentes do planeta estão propondo hoje não é apenas mudar o Estado, mas construir a utopia de um horizonte civilizatório e outra existência, que não será possível a partir da resistência, mas do potencial transformador da insurgência, isso se mostra então, como requisito, para a materialização da utopia.

Uma Antropologia comprometida com a vida, vê como necessário estudar diferentes problemas que não faziam parte do nosso cotidiano, mas que hoje são reflexo da crise de sentido em que vivemos. Devemos estudar como e por que nossas sociedades são construídas como sociedades em permanente estado de sítio, onde a violência, o terror e o medo fazem parte do imaginário social e são o recurso de poder mais adequado para se legitimar; porque ao se instalar como fantasma permanente nos indivíduos, não necessita da presença evidente dos aparatos repressivos, faz do mesmo indivíduo seu próprio repressor e carrasco. Um exemplo claro disso é como a violência, o medo e o terror são as faces mais visíveis e cotidianas de nossa sociedade (ARIAS, 2010, p. 96).

Neste momento em que as desigualdades sociais são acirradas em nossa região, em que modelos de vida hegemônicos parecem encontrar terreno fértil para sua propagação com a abertura da Amazônia pelo governo federal para o capital internacional e agronegócio, emerge a urgência do fortalecimento de nossas “raízes” culturais, a fim de compreendermos e enfrentarmos os processos excludentes de nossa gente, das formas de dominação e do racismo que insiste em manter-se vivo no século XXI. Diante desse contexto, este estudo posiciona-se contra a negligência e negação da participação dos povos indígenas e de matriz africana na formação da sociedade brasileira e aproxima-se da perspectiva decolonial e interculturalidade crítica.

## **BEM VIVER E A VIVÊNCIA DE EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DA COVID-19**

Estamos enfrentando uma terrível pandemia. Mais de um ano, mais de 5.856.000 mortes no mundo e 640.774 mortes no Brasil<sup>3</sup>. Em nosso país questões sociais e econômicas gravíssimas parecem não ter fim. Os brasileiros discutem o futuro do país em meio a uma crise que entrelaça diversas dimensões. Ataques à democracia e a necropolítica se articulam ao negacionismo da ciência e às mudanças em instituições culturais, como a escola, nos remetendo a um horizonte sombrio e perspectivas nebulosas de reparação dos danos causados com as perdas de familiares e com a fome que assola milhares de pessoas no Brasil.

<sup>3</sup> Informações globalmente datadas de 18/02/2022, painel da Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre o coronavírus (COVID-19). Em <https://covid19.who.int/>

Diante dessa conjuntura, ainda há aqueles que negam as mortes causadas pela falta de prevenção adequada à infecção pelo Coronavírus e apoiam posturas perversas como o não uso de máscara, o uso de cloroquina e as aglomerações sociais. Tomam a orientação do governo como verdade e defendem o desenvolvimento econômico acima de tudo, até mesmo do risco de perder a vida com a infecção pelo vírus Covid-19. Entendem que o trabalho não pode parar, a economia não pode parar, o Estado não pode assumir a responsabilidade pelas mortes e nem pode garantir uma renda mínima aos que padecem durante a pandemia. Mais de 600 mil vidas perdidas, segundo projeção da Organização Internacional do Trabalho (OIT) 14 milhões de trabalhadores desempregados<sup>4</sup>, mais de 27.800.000 pessoas infectadas<sup>5</sup>. A fome e a miséria em franca ascensão.

Com o governo do presidente Jair Messias Bolsonaro, o modelo de política neoliberal e as medidas antidemocráticas somam-se e vemos, a cada dia, a materialização do Estado “mínimo” quando nos referimos aos direitos sociais, como saúde e educação. Sassen (2010), ao (re)elaborar as questões que emergem a globalização, enfatiza a discussão sobre as “cidades globais” para a análise da reprodução do capitalismo global. Tais cidades evidenciam a dupla face do processo de globalização: o seu enraizamento local e material e o processo de desnacionalização.

Dessa forma, ao recuperar categorias fundamentais como o “lugar” e suas “práticas sociais”, Sassen (2010) demarca a possibilidade de uma análise crítica pela sociologia da globalização. Compreende o papel do Estado-Nação nessa dinâmica, refutando a ideia de que este é passivo e está enfraquecido pela hegemonia do Mercado no cenário da globalização. Sem ignorar as relações de poder, considera primordial analisar a reconfiguração da atuação do Estado, que tem papel fundamental na “regulamentação e desregulamentação de processos e prerrogativas”. Assim, a aparente dualidade entre Estado e mercado dá lugar a complexa intersecção onde as exigências do mercado são integradas à institucionalidade estatal.

Nesse contexto, diante do avanço tecnológico crescente, as mídias sociais como a televisão e o rádio - mais antigas – e a internet representam meios importantes na difusão da ideologia neoliberal. As desigualdades e mazelas sociais são expostas, porém, mesmo para aqueles que mais sofrem com a opressão entre os grupos socioculturais, há um padrão de vida a ser conquistado e há a ideia de que o bem-estar, a qualidade de vida e o sucesso social estão ao alcance de todos.

---

<sup>4</sup> Informações sobre dados usados relativos ao Brasil – Relatório de perspectivas sociais e de empregos no mundo tendências 2022 [https://www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS\\_834523/lang--pt/index.htm](https://www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS_834523/lang--pt/index.htm)

<sup>5</sup> Painel da OMS sobre o coronavírus (COVID-19) referente a 18/02/2022. Em <https://covid19.who.int/>

Aprendemos a naturalizar o caos social e a barbárie sem refletirmos em alternativas coletivas para os problemas que acometem a sociedade. A dimensão individual nas análises rotineiras é reforçada pela ideologia da meritocracia e culpabilidade atribuídas ao sujeito. Trata-se do pensamento moderno/ocidental, que assola nosso olhar, nossos saberes, nossa política e economia e nossos modos de vida.

As aulas pela *web* incluíram na agenda *online* um outro existir diante de nossa realidade neste tempo pandêmico, dos impactos inovadores da tecnologia a adentrar na rotina de todo mundo. Dispomos positivamente do engajamento científico enquanto resposta à Covid-19 a avançar dentre as formas de colaboração e segurança em observância às normas sanitárias. Os estudos e aulas desde 2020 seguem interagindo e mediados por internet e redes sociais de compartilhamento e troca de mensagens (OLIVEIRA, 2020). Esse panorama agregou todo o debate e desenvolvimento da disciplina que resultou na vivência fruto do que vem sendo discorrido no presente artigo. A sistematização ocorrida na dispersão fluiu em comunicação principalmente pelo aplicativo *Whatsapp*, por escrito ou áudio e também por vídeo chamadas.

No contexto acadêmico virtual dos acalorados assuntos pautados, além da educação que incorporou significativas ferramentas metodológicas a vencer barreiras de acesso e desigualdade socioeconômica no ambiente amazônico, ficou também registrado que a pandemia veio firmar o entendimento da necessidade de um Sistema Único de Saúde (SUS) democrático, justo e humanitário, vinculado à seguridade social como política pública de enfrentamento às problemáticas de saúde das populações vulnerabilizadas. É preciso entender que as “tragédias são sempre socialmente desiguais e expõem de forma mais gritante as desigualdades historicamente construídas, como o grau de exposição aos riscos e a construção das vulnerabilidades” (MILANEZ e VIDA, 2021).

Partindo das próprias experiências de vida, o coletivo plural de argumentações constatou ser imperativo o conhecimento e a competência relacionados ao contexto intercultural e territorial repletos de diversidade socioambiental. Da mesma forma, torna-se imperativo reconhecer sobretudo, as realidades distintas em territórios de povos originários da Amazônia brasileira, bem como os desafios e dificuldades de acesso aos ambientes habitados subindo e descendo rios, cachoeira, corredeira, atravessando florestas em estradas precárias. São aspectos que expõem ao mesmo tempo um imenso campo de aprendizagem, como a língua nativa, a medicina tradicional, e especialmente a filosofia do Bem Viver. O momento de crise sanitária suscita reflexão de que o contexto da pandemia da Covid-19 vem reforçar ainda mais a importância do Bem Viver para a humanidade. Bem Viver como parte integrante na busca de

alternativas reinantes das lutas indígenas e populares (ACOSTA, 2015; MARTINS, 2017).

A comunhão de sentidos e desejos advindos da coletividade incentivada ao domínio da cartografia investigada chega à devida conexão com o cenário recente, controverso e pujante da pandemia a tomar nosso múltiplo e diverso espaço para provocar nossas consciências no mundo globalizado. As conquistas sociais e as bandeiras de lutas vêm de longe:

A repentina transformação também trouxe impactos severos às pessoas socialmente vulneráveis e acabou aprofundando o contexto das desigualdades já existentes. Esta lacuna é ainda maior quando pensamos na perspectiva da educação inclusiva e na garantia de direitos das pessoas com deficiência, assim como as de baixa renda, que não tem acesso a recursos tecnológicos (celular, computador, internet), analfabetos digitais ou qualquer sujeito que tenha sentido dificuldades de se adaptar à situação de aulas remotas diante da pandemia do novo coronavírus. Devemos considerar também a ausência de apoio aos professores, que precisaram de forma rápida se adaptar à tecnologia, praticamente do dia para a noite. [...] Analisar a urgência da Educação Intercultural na crise social atual implica em situá-la em um amplo contexto histórico e político, com abrangência mundial e requer o entendimento de questões associadas à globalização e à hegemonia ideológica do “pensamento único” neoliberal que tenta universalizar padrões de pensamentos e comportamentos em diferentes esferas da sociedade, no político, econômico, social e cultural (LIMOEIRO-CARDOSO, 2001). Certamente, o processo de desenvolvimento do capitalismo mundial mostra-se como uma continuidade histórica, pois ela não é recente e vem sendo liderada pelas forças dominadoras do ocidente. Não há como negar que embora apresente tendência à homogeneização do espaço mundial, a globalização é seletiva e excludente (DOMINGUES, 2021).

## CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM DISPUTA

O século XXI nos trouxe os desafios que a consolidação histórica do modo de produção capitalista em âmbito global nos impôs. As contradições do modo de vida propagado pelo capitalismo agora evidenciam-se nas “consequências da modernidade” (GIDDENS, 2013). Refletimos sobre o enfrentamento, resistência e superação do pensamento ocidental moderno que aparta o ser humano da natureza e propaga um modelo hegemônico de desenvolvimento que destrói perversamente o meio ambiente. Nesse processo, imagens e processos nos permitiram partir de nossas ancoragens e compreender a educação ambiental como um movimento teórico-prático de mediação dialógico, coletivo, crítico, reflexivo, transformador, transdisciplinar, intercultural e decolonial. Nesse sentido, adotamos uma perspectiva complexa ao reunir diversos saberes e práticas num circuito de solidariedade, alteridade e democracia. De acordo com Guimarães (2006, p. 21):

Os educadores, apesar de bem intencionados, geralmente ao buscarem desenvolver as atividades reconhecidas de educação ambiental, apresentam uma prática informada pelos paradigmas da sociedade moderna [...] essa tendência, é reprodutora de uma realidade estabelecida por uma racionalidade hegemônica.

Nesse sentido, as objetivações e ancoragens que traduzem nossas representações sobre a natureza, meio ambiente e a educação ambiental revelam um percurso histórico de apartação, fragmentação e redução da vida e da existência à dinâmica do processo de dominação do capital. O parasitismo e a escravização de corpos, mentes e espíritos ao modelo, hoje, hegemônico, globalmente nos aprisionam em um modo de vida que naturaliza a desigualdade social e a padronização cultural. A gravidade dos problemas socioambientais denota uma crise ecológica sem precedentes na história do Planeta Terra que, como um desenvolvimento econômico, está preocupado com a preservação ambiental para garantir a sobrevivência das gerações futuras.

Desta forma, embora estejamos numa estrada que leva à destruição planetária, à destruição dos seres vivos, não conseguimos ver a realidade para além do aparente e quando conseguimos, as mais variadas formas de violência agigantam-se e revelam suas ferramentas de “tortura” do ser, de dominação, de violência. As representações sociais construídas no dia a dia são hoje intensamente bombardeadas por constructos que mobilizam nossa subjetividade para que não nos libertemos da prisão invisível que é construída de forma conjunta por opressores e oprimidos. Interessa que o oprimido não se reconheça preso. Que ele seja também um agente de novas prisões e o faça com toda convicção de ser bom, justo e digno.

Nesse contexto, nosso país atravessa uma grave crise que, configurada e intensificada como Bolsonarismo, concretiza a necropolítica e, assim, o genocídio da população brasileira vem ocorrendo com os abalos em nossa “jovem” democracia. Estão em curso, no Brasil, mudanças em todas as instituições que fazem a barbárie parecer, nas ideologias e narrativas ventiladas, um “grande avanço” nas conquistas democráticas. Ao questionar a padronização de uma humanidade homogênea, formadora de consumidores “zumbis”, Krenak (2019) nos convida a manter a esperança: se suspendem o céu, podemos ampliar nosso horizonte e enriquecer nossas subjetividades. O pensamento moderno acidental nos aparta da natureza, nos leva ao seu consumo e destruição, porém não somos iguais e nosso roteiro de vida pode ser guiado pela atração que nossas diferenças geram e, assim, preservar nossa alegria e visões e poéticas sobre a existência.

Várias referências literárias nos foram disponibilizadas. Várias literaturas desconhecidas

foram atravessadas no nosso caminho intelectualizado onlinemente. Informações inteiramente de nosso interesse. As vibrações e manifestações descritas nos *chats* confirmavam cada mensagem seguidamente visualizadas na sala de interação. Cada mensagem disponibilizada a fim de alimentar nossos argumentos e novas compreensões sobre assuntos completamente novos na dimensão reflexiva epistemológica era bem vinda e retrucada com respostas afirmativas.

Individualmente, fomos canalizados nestes espaços virtuais profundamente instigantes e transformadores. É verdade que a conexão física, gente com gente, assim sentindo o calor e as vibrações humanas de outros tempos, nos marcava como algo que faltava, que necessitava da presença humana e calorosamente magnetizada pela amizade, “onlinemente”, nossa, algo surreal, coisas realmente deste tempo inacreditável, diga-se não muito distante, melhor dizendo, absolutamente nada distante, está aí a ocupar os nossos dias nesta vida *online*, que a muito custo insistimos em dominar. A tempo e a hora, algo esquisito, pois nem dava tempo de elaborar alguma resposta digna de nota, como se diz na enfermagem quando tem algo significativo para registrar, evoluímos no prontuário NDN, isso aí, nada digno de nota.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo representou um momento de reflexão importante; um construto relevante, mas não definitivo; um exercício de síntese para que não dissociemos a teoria da prática. Devemos sim buscar a interface entre saberes e ações no campo educacional, com olhar crítico, analisando as necessidades e demandas daqueles que fazem e farão parte de nosso trabalho como professores. É fundamental, assim, entender o percurso histórico da institucionalização da educação escolar e construir a consciência dos valores, dos conhecimentos, dos paradigmas, das concepções teóricas que constituirão nosso exercício profissional na pedagogia e na docência.

Nesse sentido, pensar sobre a prática e concretizá-la não prescinde das múltiplas dimensões que compõem a educação. Dessa forma, entender que as dimensões culturais, sociais, políticas, econômicas, psicológicas, etc., nos permitem travar uma relação mais humana com os educandos e sentir que podemos sim transformar a realidade e não apenas reproduzir assimetrias sociais e acirrar os processos de desigualdade e padronização/homogeneização das pessoas. Como nos diz Vera Candau, é tempo de conciliar igualdade e diferença. Ir além da formalidade contratual burguesa e incluir efetivamente os diversos modos de vida que se traduzem em nossa sociodiversidade, que emerge das demandas dos educandos e educandas como a pluralidade que quer reexistir, ser respeitada e valorizada, fazer parte de nossas práticas

pedagógicas. Enfim, desenvolver uma educação libertadora como defende Paulo Freire.

As amarras psicológicas, socioculturais, políticas e institucionais que engessam nossos modos de vida nos padrões europeus como referência, atravessam o campo educacional num ciclo recursivo, entre sociedade e escola, em que os professores e professoras – e demais sujeitos da comunidade escolar – podem ser reprodutores de relações sociais marcadas pelo racismo. Nesse sentido, ficou evidente que se trata de um processo dinâmico e contínuo de rupturas e radicalização das lutas no interior e também fora da escola.

Vemos que é urgente um salto na compressão das formas que o racismo estrutural se evidencia e se perpetua na mente, nas práticas e nas vidas. É muito difícil, por exemplo, perceber que o silenciamento, a negligência, a ausência de práticas pedagógicas e saberes referentes à história e cultura afro-brasileira no currículo escolar se traduzem na manifestação efetiva do racismo.

Assim, as ações no campo da formação de professores nos apresentam como forma de intervenção com repercussões bastante férteis para as mudanças que almejamos quando direcionamos a educação para o enfrentamento do racismo. Aos professores e professoras devem ser garantidas as ferramentas simbólicas e materiais – como recursos e infraestrutura adequados – para que seus anseios de conhecimento e preparação para atender as demandas dos educandos e educandas sejam materializados em seus percursos como profissionais da educação.

## REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. 2. ed. Elefante. 2015. Disponível em: <https://rosalux.org.br/o-bem-viver-uma-oportunidade-para-imaginar-outros-mundos/>. Acesso: 20 jan. 2022.

ARIAS, Patricio Guerrero. **CORAZONAR. Uma antropologia comprometida com la vida**. Quito, Ecuador: Abya Yala, Universidad Politécnica Salesiana. 2010.

CANDAU, Vera Maria Ferrão; RUSSO, Kelly. Interculturalidade e educação na América Latina: uma construção plural, original e complexa. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 10, n. 29, p. 151-169, jan./abr. 2010.

CARMO, Débora Kátia Ferreira do; OLIVEIRA, Ivaneide Apoluceno de; MAIA, Márcia Maria de Oliveira. A interculturalidade na educação freireana: o diálogo como estratégia pedagógica. *In*: FLEURI, Reinaldo Matias; OKAWATI, Juliana Akemi Andrade (org.). **Pedagogias e narrativas decoloniais**. Curitiba: CRV, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/>

bitstream/handle/123456789/227939/00\_lo\_2021\_FLEURI-OKAWATI-CRV-Pedagogias%20e%20narrativas%20decoloniais.pdf?sequence=1 Acesso em: 9 fev. 2022.

DOMINGUES, Camila Alessandra. Educação intercultural, inclusão e o discurso neoliberal na educação contemporânea. *In*: FLEURI, Reinaldo Matias; OKAWATI, Juliana Akemi Andrade (org.). **Pedagogias e narrativas decoloniais**. Curitiba: CRV, 2021. Disponível em: [https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/227939/00\\_lo\\_2021\\_FLEURI-OKAWATI-CRV-Pedagogias%20e%20narrativas%20decoloniais.pdf?sequence=1](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/227939/00_lo_2021_FLEURI-OKAWATI-CRV-Pedagogias%20e%20narrativas%20decoloniais.pdf?sequence=1) Acesso em: 9 fev. 2022.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GONZALEZ, Lélia. De Palmares às escolas de samba, tamos aí. *In*: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (org.). **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2020.

GUIMARÃES, Mauro. **Por uma educação ambiental crítica na sociedade atual**. Brasília: UFRJ, 2006.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MARTINS, Juliana Claudia Leal. **O Trabalho do Enfermeiro na Saúde Indígena: desenvolvendo competência para atuação no contexto intercultural**. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017,

MILANEZ, Felipe, VIDA, Samuel. **Pandemia, racismo e genocídio indígena e negro no Brasil: coronavírus e a política de extermínio**. Grupo de trabalho. Clacso. Jun 2021. Disponível em: <https://www.clacso.org/pandemia-racismo-e-genocidio-indigena-e-negro-no-brasil-coronavirus-e-a-politica-de-extermínio/>. Acesso em: 14 jan. 2022.

OLIVEIRA, Thiago et al. **Pra que serve a antropologia em tempos de Covid?** Cadernos de Campo (São Paulo, online), vol.29, (suplemento), USP 2020, p.1-15. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/issue/view/11526>. Acesso em: 04 fev. 2022.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Clacso, 2005.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. *In*: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFUGUEL, R. (orgs.). **El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 93.

SANTOS, Antônio Luís Parlandin dos; SILVA JUNIOR, Washigton Luiz Pedrosa da **EDUCAÇÃO AMBIENTAL E NÃO-NEOLIBERAL: enfrentamentos, tensionamentos na formação da/o educador/a ambiental e em sua prática pedagógica. In: ARAÚJO, Maria Ludetana; SANTOS, Antônio Luís Parlandin dos; MUHALA, Valdemiro (org.) Educação ambiental e práticas pedagógicas interculturais e decoloniais na Amazônia: entre o local e o global. Belém: Grupo de Pesquisa em Educação Ambiental na Amazônia – GEAMAZ/ICED/UFPA, 2022.**

SASSEN, Saskia. **Sociologia da Globalização.** Porto Alegre. Artmed. 2010. (p. 7-41 e p.113-177).

WALSH, Caterine. Interculturalidade crítica e Pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. *In: CANDAU, V. M. (org.) Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas.* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.